

## SEQUÊNCIAS DESCRITIVAS E NARRATIVAS NO CONTO NA INÚTIL TRANSPARÊNCIA DE MARINA COLASANTI

Adriana de Souza RAMACCIOTTI<sup>1</sup>  
Mestra em Língua Portuguesa/PUC-SP

### RESUMO

O artigo objetiva verificar a existência de sequências narrativas e descritivas no conto “Na inútil transparência”, de Marina Colasanti, e o quão imbricadas elas estão. Para tanto, analisa a organização dessas sequências, sob a perspectiva teórica da análise textual dos discursos, proposta por Jean-Michel Adam (2011), com foco nas sequências textuais. Como procedimentos metodológicos, adota a estrutura composicional do texto (sequências e planos de textos) desse autor. Como conclusão, apresenta que há sequências narrativas e descritivas no conto selecionado e que elas estão intimamente relacionadas na tessitura do texto. Além disso, a teoria de Adam (2011) embasa o trabalho com a análise linguística integrada à leitura, no Ensino Fundamental e Médio.

**Palavras-chave:** Linguística textual. Sequências textuais. Sequências narrativas. Sequências descritivas.

### Considerações iniciais

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar sequências narrativas e descritivas no conto “Na inútil transparência”, de Marina Colasanti. Sua relevância se justifica pelo fato de as sequências textuais mostrarem uma abordagem contemporânea importante na análise do texto e seu trabalho vislumbrar uma nova abordagem para o tratamento da gramática no Ensino Fundamental e Médio, vinculado à leitura de texto.

Quanto à metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo, nós nos fundamentamos na análise textual dos discursos, que, segundo Adam (2011, p. 13), em transcrição feita na apresentação da edição brasileira de seu livro *A linguística textual*, é “uma teoria da produção co(n)textual de sentido que deve, necessariamente, ser fundamentada na análise de textos concretos”.

Dos níveis da análise textual descritos por Adam (2011, p. 61), focamos no denominado “Estrutura composicional do texto (sequências e planos de textos)”, mais especificamente nas sequências textuais, e aplicamos essa teoria no conto “Na inútil transparência”, de Marina Colasanti.

A escolha do conto justifica-se pelo fato de tratar-se de um texto possível de ser trabalhado em Ensino Fundamental e Médio, com a adequada transposição didática, e de, por ser uma narrativa, apresentar elementos narrativos e descritivos. Marquesi (2004, p. 46), afirmando que a “necessidade de se definir o descritivo como unidade textual teve suas

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [asrama@uol.com.br](mailto:asrama@uol.com.br)

origens em pesquisas desenvolvidas no campo da narrativa”, reproduz a afirmação inicial de Genette (1996) sobre a comparação entre o texto narrativo e o descritivo:

Toda narrativa comporta, com efeito, embora intimamente misturadas e em proporções muito variáveis, de um lado representações de ações e de acontecimentos, que constituem a narração propriamente dita, e de outro lado representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina hoje a descrição. (GENETTE, 1996, p. 262 citado por MARQUESI, 2004, p. 47)

### **Breve conceituação e análise do conto**

A Análise Textual dos Discursos, de Adam (2011), é abordagem que se enquadra no âmbito da Linguística Textual. Esta, por sua vez, é inserida no campo mais amplo da Análise do Discurso. De acordo com Adam (2011, p. 63), “tem como papel, na análise de discurso, teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto”.

Nesse sentido, como parte de uma rede de relações, em que os níveis da análise do discurso englobam os níveis da análise textual e com eles se relacionam, o autor propõe cinco níveis da análise textual: textura; estrutura composicional; semântica; enunciação e coesão polifônica; e atos de discurso e orientação argumentativa (ADAM, 2011, p. 61).

Os níveis textura e estrutura composicional mostram unidades textuais (proposições enunciadas, períodos, sequências e planos de textos) que caracterizam a linearidade do texto, como indicam Passeggi *et al* (2010, p. 267-268). Essas unidades são “as principais unidades de análise textual” (p. 269) e articulam-se, juntamente com palavras e sintagmas enunciados, conforme dois tipos de operações de textualização, denominadas operações de segmentação/ligação (ADAM, 2008a, p. 64; PASSEGGI *et al*, 2010, p. 269).

Como unidades de análise do texto, as sequências textuais são definidas por Adam (2011, p. 14) como um “conjunto de operações que levam um sujeito a considerar, na produção e/ou na leitura/audição, que uma sequência de enunciados forma um todo significante”. São, ainda de acordo com o autor, “unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições” (p. 205).

Adam (2011, p. 216-254) descreve cinco sequências textuais: descritiva, narrativa, argumentativa, expositiva e dialogal. Neste artigo, selecionamos as sequências descritivas e as narrativas, descritas pelo autor, para nossa análise. A seguir, com base em Adam (2011), explicitamos cada uma delas:

A sequência descritiva é menos estruturada do que as outras quatro sequências textuais. Nas palavras de Adam (2011, p. 216), ela “não comporta uma ordem de agrupamento das proposições-enunciados em macroproposições ligadas entre si”. É categorizada em quatro macro-operações: tematização, aspectualização, relação e expansão por subtematização (p. 218-225).

A tematização é a macro-operação principal e manifesta-se de três formas: a pré-tematização (denominação imediata do objeto ou do todo, introduzindo a sequência descritiva), a pós-tematização (denominação do objeto ou do todo no final da sequência descritiva) e a retematização (nova denominação do objeto como fechamento da sequência descritiva).

A aspectualização relaciona-se com a tematização e compõe-se de fragmentação e qualificação. A primeira consiste na seleção de partes do objeto, enquanto a segunda, na apresentação de qualidades dessas partes ou do todo. No caso da relação, há uma divisão em relação de contiguidade e relação de analogia. Esta envolve comparação e metáfora, e aquela a situação temporal ou espacial do objeto descrito. Por fim, a expansão por subtematização consiste em um acréscimo de uma operação a outra anterior ou uma combinação de uma operação também com outra anterior. Vale ressaltar que apenas a analogia pode expandir a qualificação.

As sequências narrativas são apresentadas por Adam (2011) como tendo estrutura hierarquizada, que se constitui de cinco macroproposições narrativas de base, que correspondem a cinco momentos relacionados ao processo: antes (situação inicial), início (nó), curso (reação ou avaliação), fim (desenlace) e depois (situação final) do processo (p. 225-226). Pode ocorrer, em algumas estruturas narrativas, uma abertura, anterior ao início da narração, e um encerramento, posterior ao fim da narração.

Assim, a trama narrativa tem a seguinte estrutura, em que Pn é a proposição narrativa de base: entrada-prefácio ou resumo (Pn0), situação inicial (Pn1), nó (Pn2), reação ou avaliação (Pn3), desenlace (Pn4), situação final (Pn5) e encerramento ou avaliação final (Pn $\Omega$ ) (p. 229).

Para analisar as sequências descritivas e as sequências narrativas, selecionamos o conto “Na inútil transparência”, de Marina Colasanti, transcrito a seguir.

#### Na inútil transparência

[§ 1] Sem que nunca tivesse conhecido o mar, limpava peixes. Todos os dias a

abundância das águas parecia depositar-se na sua bancada. Dourados encastoavam os vermelhos cor de rubi, pescadinhas amontoavam-se como pérolas, brilhavam as escamas das cavalas. E ele, qual Netuno empunhando faca, decapitava garoupas, rasgava o ventre rosado dos badejos, fazia em postas a carne sangrenta dos atuns, em filés a magreza dos linguados, e escamava, cortava, aparava, as mãos mergulhando espertas em guelras e vísceras sem que jamais espinhas lhe fizessem vingança.

[§ 2] Assim ao longo dos anos, tendo juntado tão lenta e determinadamente o dinheiro que lhe permitiria realizar seu único desejo, o dia chegou em que, contando todos os seus guardados, ele soube que veria o mar.

[§ 3] Viajou, viajou. E mais longa pareceu-lhe a viagem quando, tendo finalmente o imenso azul diante de si, percebeu que desde menino caminhava para ele.

[§ 4] Ungido, atravessou a areia, subiu pela grande língua de pedra que avançava água adentro. E chegando na ponta mais alta, rodeada pelas ondas, sentou-se. Agora, afinal, veria a dança dos peixes entre os fluxos, o aquático mover-se de robalos e pamos e arraias e polvos e lagostas e sargos.

[§ 5] Mas a transparência azul não entregava presenças. Só a superfície parecia mover-se, coroada de espumas junto à pedra. Paciente, o homem esperou, vendo a luz percorrer o seu trajeto, embora nenhum luzir de escama ou ondear de corpo iluminasse aquela água.

[§ 6] Por fim, já escuro, fez-se de pé. Como nunca antes, pesava-lhe o coração. Vira o mar, é verdade. Mas sem peixes a habitá-lo, nem parecia-lhe mar. Tão grande a ausência, como se em noite escura e límpida, levantando os olhos, visse o céu todo negro, igual, sem uma estrela.

COLASANTI, M. *Contos de amor rasgados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 119.

### *Sequências descritivas*

#### **Tematização A**

##### **Pós-tematização:** [§ 5] *o homem*

Embora o pronome “ele” [§ 1] antecipe o sexo da personagem, ele não é classificado como elemento de tematização, mas sim como anáfora pronominal do termo “peixeiro”, ocupação implícita no início do primeiro parágrafo (“limpava peixes”).

#### **Aspectualização A**

##### **Qualificação:**

1) [§ 1] *Sem que nunca tivesse conhecido o mar, limpava peixes<sup>2</sup>*. O fragmento “limpava peixes” corresponde a “era peixeiro”.

2) [§ 1] *E ele, qual Netuno empunhando faca, decapitava garoupas, rasgava o ventre rosado dos badejos, fazia em postas a carne sangrenta dos atuns, em filés a magreza dos linguados, e escamava, cortava, aparava, as mãos mergulhando espertas em guelras e vísceras sem que jamais espinhas lhe fizessem vingança.*

<sup>2</sup> Doravante, o trecho analisado da sequência será sublinhado.

Essa operação de qualificação é realizada pelo emprego das formas verbais “decapitava”, “rasgava”, “fazia”, “escamava”, “cortava” e “aparava”, que, conjugadas no pretérito imperfeito do indicativo, expressam ações caracterizadoras da rotina da ocupação do peixeiro. Essas formas verbais, associadas à oração adverbial de modo com valor adjetival (“sem que jamais espinhas lhe fizessem vingança”) e ao adjetivo “espertas”, com valor adverbial (as mãos mergulham rapidamente, agilmente), correspondem a “ele era hábil”, “ele era cuidadoso”, “ele era destro” (ou “ele tinha habilidade”, “ele tinha cuidado”, “ele tinha destreza” respectivamente), o que comprova o valor descritivo da sequência.

3) [§ 5] *Paciente*

4) [§ 6] *Como nunca antes, pesava-lhe o coração.*

Essa operação ocorre pelo emprego de formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo e corresponde a “o homem sentia pesar/tristeza/ mágoa” ou “o homem estava pesaroso/muito triste/muito magoado”. É intensificada pela operação de relação por analogia (“Como nunca antes”), retomada, nesta análise, na macro-operação “expansão por subtematização).

### **Operações de relação A**

#### **Relação de contiguidade:**

1) [§ 5] *vendo a luz percorrer seu trajeto*

2) [§ 6] *Por fim, já escuro*

Essa operação apresenta a situação temporal de modo implícito, já que percebemos a passagem do tempo pela transição entre dia (“luz”) e noite (“já escuro”). A locução adverbial “Por fim” contribui para a sensação de grande tempo de espera.

3) [§ 1] *Sem que nunca tivesse conhecido o mar, limpava peixes.*

4) [§ 3] *Viajou, viajou.*

Nessa operação, uma das situações espaciais (peixaria) é inferida pelo conhecimento enciclopédico do leitor sobre o trabalho do peixeiro (ações descritas no primeiro parágrafo) e seu ambiente de trabalho. Outra (ele vive longe do mar) está implícita na relação entre “Sem que nunca tivesse conhecido o mar” e “Viajou, viajou”. O período “Viajou, viajou” também faz parte da situação inicial das sequências narrativas, tratadas mais adiante.

#### **Relação de analogia:**

[§ 1] *E ele, qual Netuno empunhando faca*

Essa operação consiste na comparação entre “ele” e “Netuno”, nome romano do deus do mar na mitologia grega.

### **Expansão por subtematização A**

4) [§ 6] *Como nunca antes, pesava-lhe o coração.*

A operação de qualificação “pesava-lhe o coração” é intensificada pela operação de analogia “Como nunca antes”. Como as duas vêm combinadas, consideramos a operação de relação por analogia uma expansão por subtematização. Segundo Adam, uma qualificação não pode “prosseguir a não ser com uma analogia” (Adam, 2011, p. 223). A nosso ver, essa progressão da qualificação com uma analogia é exatamente o que acontece neste exemplo.

### **Tematização B**

**Pré-tematização:** [§ 1] *mar*

**Retematização 1:** [§ 3] *o imenso azul*

**Retematização 2:** [§ 4] *o aquático*

A retematização “o imenso azul” nomeia o mar com sua cor “azul”, denominação caracterizada pelo adjetivo “imenso”, o que dá um caráter de deslumbramento do homem ao ver o mar pela primeira vez. Já em “o aquático”, o objeto é nomeado por meio de um dos elementos que o compõem: a água.

### **Aspectualização B**

**Fragmentação:** [§ 4] *água, pelas ondas, dos peixes entre os fluxos, robalos e pampos e arraias e polvos e lagostas e sargos.*

[§ 5] *a transparência azul, a superfície*

A fragmentação de mar é essencial para a interpretação do texto. As partes do todo apresentadas no quarto parágrafo consistem na ideia que o peixeiro tem de mar antes de conhecê-lo. Ao analisar sua superfície, que para ele também corresponde a todo o mar, conclui que não há peixes.

### **Qualificação:**

1) [§ 2] *seu único desejo*

2) [§ 3] *desde menino caminhava para ele*

A qualificação de mar está implícita em “seu único desejo” e “caminhava para ele”, sendo essa microestrutura intensificada por “desde menino”. Essa operação corresponde a “o mar era desejável há muito tempo”.

### **Tematização C**

**Pré-tematização:** [§ 5] *a transparência azul*

### **Aspectualização C**

**Fragmentação:** [§ 5] *a superfície*

**Qualificação:**

- 1) [§ 5] *não entregava presenças*
- 2) [§ 6] *sem peixes a habitá-lo*
- 3) [§ 6] *Tão grande a ausência*

Essas qualificações correspondem individualmente a “era vazia”, “não tinha peixes”. Juntas, enfatizam o fato de o mar não ter peixes para o homem.

- 4) [§ 5] *Só a superfície parecia mover-se, coroadada de espumas junto à pedra.*

A qualificação “coroadada de espumas” está relacionada à “superfície”, que é uma fragmentação do objeto. Portanto, é também uma qualificação do todo “transparência azul”.

### **Tematização D**

**Pós-tematização:** [§ 6] *a ausência*

A palavra “ausência” tem significado ambíguo, podendo ter o sentido de “falta de peixes” (descrita na “Aspectualização C”) ou de “tristeza”. Essa ambiguidade não surpreende, já que o texto é literário.

### **Aspectualização D**

**Qualificação:**

- 1) [§ 6] *Como nunca antes, pesava-lhe o coração.*

Essa operação qualifica a ausência de modo implícito. O pesar, a tristeza e a mágoa equivalem a “pesava-lhe o coração”.

### **Operações de relação D**

**Relação de analogia:**

1) [§ 6] *Tão grande a ausência, como se em noite escura e límpida, levantando os olhos, visse o céu todo negro, igual, sem uma estrela.*

A comparação com a sensação de ver um céu sem estrelas é comparada à de contemplar um mar sem peixes.

A partir da análise das sequências descritivas no conto selecionado, constatamos que, conforme Adam (2011, p. 216), essas sequências não assumem uma ordem. Além disso, as operações de tematização, aspectualização, relação e subtematização relacionam-se com as categorias da designação, definição e individuação de Marquesi (2004); relação esta considerada pela própria autora (Cf. MARQUESI, 2013; MARQUESI, 2014). Como exemplo, temos os elementos de tematização “homem”, “mar”, “aquático”, correspondentes à categoria designação; a aspectualização “não entregava presenças”, à definição; e a relação de analogia “Tão grande a ausência, como se em noite escura e límpida, levantando os olhos, visse o céu todo negro, igual, sem uma estrela.”, à individuação.

Marquesi (2013) apresenta, no plano linguístico, o emprego de substantivos, adjetivos e advérbios para a nomeação do tema e de seus tópicos. É interessante notar que, além dessas classes gramaticais prototípicas para essa designação, a sequência de duas orações “Viajou, viajou”, consistente apenas de verbos, assume valor temporal e espacial. Informa, logo, o leitor sobre o fato de o peixeiro viver longe do mar, já que precisou viajar muito para conhecê-lo. Temos aqui um exemplo de imbricação de sequência descritiva e narrativa essencial para a leitura do conto.

### *Sequências narrativas*

#### **Entrada-prefácio ou resumo Pn0 [§ 1]**

O primeiro parágrafo introduz a profissão da personagem e apresenta seus atributos.

#### **Situação inicial Pn1 [§ 2], [§ 3] e [§ 4]**

O segundo, terceiro e quarto parágrafos correspondem à situação inicial. O segundo parágrafo é responsável pela introdução do fluxo narrativo, por meio da passagem do tempo (*Assim ao longo dos anos*), da relação de causa e consequência entre ter dinheiro e poder conhecer o mar (*tendo juntado tão lenta e determinadamente o dinheiro que lhe permitiria realizar seu único desejo, o dia chegou em que, contando todos os seus guardados, ele soube*

*que veria o mar.*) e do emprego do pretérito perfeito (*chegou, soube*). Nos parágrafos três e quatro, o homem continua sua viagem para ver o mar, marcada pelos verbos no pretérito perfeito do indicativo: *viajou, pareceu-lhe, percebeu, atravessou, subiu, sentou-se*.

#### **Nó Pn2 [§ 5]**

O quinto parágrafo, por meio do marcador “mas” e da descrição inesperada de mar, instala o nó: *Mas a transparência azul não entregava presenças*.

#### **Reação ou avaliação Pn3 [§ 5]**

O quinto parágrafo mostra também a reação da personagem ao nó: *Paciente, o homem esperou, vendo a luz percorrer seu trajeto, embora nenhum luzir de escama ou ondear de corpo iluminasse aquela água*.

#### **Desenlace Pn4 [§ 6]**

O sexto parágrafo apresenta a resolução do nó, que ocorre pela ação da personagem de levantar-se: *Por fim, já escuro, fez-se de pé*.

#### **Situação final Pn5 [§ 6]**

O sexto parágrafo também corresponde ao término da narração: *Vira o mar, é verdade. Mas sem peixes a habitá-lo, nem parecia-lhe mar*.

#### **Encerramento ou avaliação final PnΩ [§ 6]**

O sexto parágrafo também apresenta uma apreciação sobre os sentimentos da personagem: *Tão grande a ausência, como se em noite escura e límpida, levantando os olhos, visse o céu todo negro, igual, sem uma estrela*.

A análise das sequências narrativas permitiu-nos constatar a estrutura hierarquizada proposta por Adam (2011), constituindo as cinco macroproposições de base — situação inicial (Pn1), nó (Pn2), reação ou avaliação (Pn3), desenlace (Pn4) e situação final (Pn5) —, bem como as não obrigatórias: entrada-prefácio ou resumo (Pn0) e encerramento ou avaliação final (PnΩ).

Ademais, percebemos que as ações são marcadas, no plano linguístico, por verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo, como “viajou”, “atravessou”, “subiu” e “sentou-se”. Já a passagem do tempo ocorre na introdução do fluxo narrativo em “Assim ao longo dos anos” e na repetição do verbo “viajar”, constituindo a sequência de orações “Viajou, viajou”, que mostra a demora da viagem, além da ação de viajar. Esses dados são corroborados pela paráfrase que Marquesi (2004) faz de Genette (1966), observando que, para esse autor, “a narração se liga a ações e acontecimentos considerados como processos puros e por isso mesmo o aspecto temporal e dramático na narrativa é acentuado” (MARQUESI, 2004, p. 48).

Cabe ressaltar, no entanto, que o nó “Mas a transparência azul não entregava presenças.” revela uma estrutura em que a descrição se insere na narração, já que a afirmação “a transparência azul não entregava presenças.”, com a forma verbal “entregava” no pretérito imperfeito, qualifica o mar. Temos aqui outro exemplo de imbricação de sequência descritiva e narrativa, além do já apresentado “Viajou, viajou.”, constante do último parágrafo do tópico “Sequências descritivas”.

### **Considerações finais**

No conto “Na inútil transparência”, as sequências textuais estão organizadas de forma a caminharem juntas na composição textual da narrativa, o que comprova o quão imbricadas elas estão na tessitura do texto. Nesse sentido, nosso objetivo foi alcançado, ao provarmos que as sequências descritivas e narrativas não só estão presentes na narrativa selecionada, mas também se ligam intimamente.

Além disso, mostramos que a análise de sequências descritivas e narrativas em textos concretos comprovam a visão de Adam de que as sequências são um “conjunto de operações que levam um sujeito a considerar, na produção e/ou na leitura/audição, que uma sequência de enunciados forma um todo significativo” (ADAM, 2011, p. 14).

Ao finalizar nosso artigo, entendemos que a teoria de Adam dá o suporte necessário para que professores de Ensino Fundamental e Médio trabalhem em sala de aula, com a devida transposição didática, a gramática integrada à leitura de texto. O emprego de verbos significativos no pretérito imperfeito do indicativo aponta uma abordagem interessante de trabalho com tempos verbais na descrição e o de verbos no pretérito perfeito do indicativo na narração, ambos prototipicamente. Vale considerar que a imbricação das sequências

descritivas e narrativas no conto leva a percepção de fronteira tênue entre ambas, como apresentado neste artigo na análise dos períodos “Viajou, viajou” e “Mas a transparência azul não entregava presenças”.

### Referências bibliográficas

ADAM, J. M. *A linguística textual*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GENETTE, G. Fronteiras da narrativa. In *Análise estrutural da narrativa*. 3ª. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1973[1966].

MARQUESI, S. C. *A organização do texto descritivo em Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARQUESI, S. C. Contribuições da Análise Textual dos Discursos para o Ensino em Ambientes Virtuais. *Revista Linha D'Água*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 185-201, 2013.

MARQUESI, S. C. Planos e sequências textuais em sentenças judiciais de processo-crime. In DIOS, A. M. (ed.). *La Lengua Portuguesa*. v. 1. Salamanca – Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca, 2014, p. 109-128.

MARQUESI, S. C. A gramática das sequências descritivas e o ensino da escrita em cursos de graduação. *7º Congresso da ABRALIN*. Curitiba/PR: UFPR, 2011.

PASSEGGI, L. *et al.* “A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido”. In BENTES, A.C.; LEITE, M.Q. (orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação – panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 262-312.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

### Referência literária

COLASANTI, M. *Contos de amor rasgados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 119.

### ABSTRACT

*The aim of this study is not only to verify the presence of narrative and descriptive sequences, as well as the liaison between them, in the Marina Colasanti's short story “Na inútil transparência”, but also to analyse sequences organization in the text. As theory, the study focuses on textual analysis, particularly on compositional structure and its sequence plans, proposed by Jean-Michel Adam. Marina Colasanti's narrative is composed by strictly related narrative and descriptive sequences, which contribute to the text compositional structure. Moreover, Adam's theory founds the integration between linguistic analysis and text comprehension skills in the primary and secondary education.*

**Key words:** Text linguistics. Narrative sequences. Descriptive sequences.

Envio: Setembro/2014  
Aprovado para publicação: Junho/2016